JORNAL da ANE
Associação Nacional de Escritores
ANO XII, n° 83, Março/2018

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

FAC FUNDO DE APOIO À CULTURA
Secretaria de Cultura
GOVERNO DE BRASÍLIA

DO AMOR E DA ARTE, UMA ODISSEIA

Ronaldo Cagiano

Para além de uma história de amor ambientado em tempos e geografias distintos, "A cidade de Ulisses" (Ed. Oficina Raquel, Rio, 2017; Ed. Sextante, Lisboa, 2011), de Teolinda Gersão, recentemente lançado no Brasil com a presença da autora em diversas cidades, é um romance que carrega várias leituras, entre elas a de uma relação tumultuada; e, noutra vertente, a paixão por Lisboa, o olhar cirúrgico sobre a cidade legendária e uma imersão na própria história de Portugal.

Se a narrativa transcorre entre dois planos, quando se discorre sobre os paradoxos e possibilidades de um amor e questiona o passado, o presente e o futuro do País que lançou-se ao mar e tornou-se império dominador por muitos séculos, por outro lado esmiúça a própria história literária, ao mergulhar na lenda, segundo a qual Lisboa teria sido fundada por Ulisses. Pinçando de Homero e de sua Odisseia a força motriz dessa sedutora história, a autora, em clave epifânica, com erudição e elegância, percorre territórios geográficos, históricos e políticos, para, no fundo, construir uma obra de densa investigação existencial, tanto sobre seus personagens quanto sobre Portugal, numa espécie de encontro de contas com a verdade pessoal e histórica e as amplidões da Política, numa viagem instigante e apaixonada nos escaninhos do homem e da nação.

Continuação na página 7

PEQUENA VISITA

Flávio R. Kothe

Trabalhei com Elsa, namorei com ela, e... nos afastamos há quarenta anos. Vim visitá-la em São Paulo. Ela teve câncer. Depois de se tratar, não quer mais tratar disso. Primos e amigos meus também fizeram esse silêncio em torno de si, demorei a perceber que as conversas que tínhamos eram as últimas. Foram dignos na dor sem remédio.

Tão impotente e precária é ainda hoje a nossa medicina que me admiro da arrogância de tantos "doutores". Estão condenados a perder sua batalha final e tanto mais importantes se julgam. Thánatos se sobrepõe a Eros. Sempre tive, confesso, dificuldades em me aproximar de padres, advogados, médicos, políticos, empresários. Olho para trás, não tive um amigo entre eles. Por quê?

Até parece que comecei falando da doença de uma amiga, mostrando paixão e compaixão, para falar mal de quem ainda cuida dela. Não deveria ter sequer aventado profissões. Cada um que sobreviva como puder. Eu poderia dizer que professores também são perversos, querendo aparecer como melhores diante de quem é mais novo e tem menos experiência. Venho de um meio em que o silêncio impera. Vivo na Suécia, desisti do Brasil quando ainda era tempo. Lá não se contam histórias privadas, menos ainda da vida íntimo. No que conto, desconfio de mim, não confio em mim: conto porque não é mais eu.

Lutei mal o bom combate. Fiz erros crassos em minha vida profissional, nas escolhas amorosas. Acabei sozinho. Perdi como todos acabaremos perdendo.

Um filme antigo tinha o título: "O que é mais forte, o amor ou a morte?" Quem assim pergunta quer que se diga que é o amor. Freud elevou Thánatos ao nível de Eros. Foi pouco. Destino de toda vida é morrer. Ninguém escapa. Só o ser humano acha que escapole disso. Sinal de fraqueza.

Continuação na página 9

HISTÓRIA DE SECURA E ESPERANÇA TEIMOSA

Vera Lúcia de Oliveira

Dizem que não devemos voltar ao lugar onde um dia fomos felizes. Nem devemos olhar para trás, como nos adverte o episódio bíblico da mulher de Lot. Não foi, porém, o que aconteceu com o personagem-narrador de *Entre facas, algodão* (Ed. Record, 2017), romance de João Almino, mestre da literatura brasiliense e brasileira que traz no DNA a escritura dos grandes autores nordestinos. Quem sai aos seus não degenera, diz o ditado.

Nesse romance de "secura e esperança teimosa", como ele mesmo definiu, temos um continuador, no melhor dos sentidos, da prosa realista, enxuta e metonímica de Graciliano Ramos, do mundo de casas repartidas dos meninos de engenho de José Lins do Rego, e até da poesia descarnada de João Cabral de Melo Neto. Almino, natural de Mossoró, bebeu, com certeza, nessas fontes de águas límpidas e conseguiu criar a própria narrativa, singular, em que o desencanto está presente em cada página, mas disfarçando algo que se pode chamar de esperança, aquela verdinha que nos ajuda a viver e que morre por último. O enredo da narrativa nos mostra isso, pois, ao mesmo tempo em que busca vingança, o tal prato que se come frio, esse homem de pele escura que não diz o seu nome – mas que poderia ser José, João, Joaquim, Jurandir, etc. - uma vez que representa o brasileiro que luta bravamente por sua ascensão social - busca também um amor que ficou escondido no seu coração, preso simbolicamente por um fio de cabelo da amada, guardado numa caixa de fósforos. Um amor que só precisava de um sopro para virar chama. O passado que não é passado, pois está presente na vida e no desejo de resgatar o não vivido. A busca do tempo perdido, seguindo o fio de Ariadne. A busca de revanche: voltar para acertar contas. E honrar o nome do pai.

Continuação na página 6

250 ANOS DE RIO POMBA: MARAVILHOSAS, ENCANTADORAS FABULAÇÕES

Danilo Gomes

Para celebrar os 250 anos de Rio Pomba, MG, o escritor Roberto Nogueira Ferreira poderia ter-se valido da narrativa histórica, linear, tradicional. Preferiu, com sabedoria de tarimbado estilista e perspicácia de jornalista, o campo da ficção. Mas ficção com o suporte de dados, nomes, situações, cronologias, de um passado que "tem muitas gavetas".

Cada capítulo de seu novo livro (o 12º) é uma gaveta que se abre com curiosidade para o encantamento. Ali se vislumbram informação, amor, humor, poesia. Com toques da mineiridade da Zona da Mata, já próxima do Oceano Atlântico que nos separa e une a Portugal, onde nasceu em Silvares, Carregosa, o pai do autor, Franklin Soares Ferreira.

Nesse seu livro "250 Fabulações de Amor a Rio Pomba", Roberto Nogueira Ferreira deixou de lado a clássica narrativa que vem de Heródoto de Halicarnasso até Fernando Braudel, Jacques Le Goff e o nosso ilustre Octavio Tarquínio de Sousa, para operar no campo da ficção, melhor dizendo, da fabulação, entrecruzando passado e presente.

O resultado é positivo e alcança a festejada categoria do prazer da leitura.

Com epígrafes dos poetas Carlos Drummond de Andrade, Belmiro Braga, Murilo Mendes e Wilson Pereira, os capítulos são gavetas transformadas em portas e janelas que se abrem para o passado com cortes para o presente. É o talento do autor que opera a magia.

Assim, voltamos à fundação da cidade pelo Padre Manoel de Jesus Maria, que ali rezou a 1ª missa em 25-12-1767. Nome originário e original da urbe que nascia sob o sol dos trópicos: Freguesia do Mártir São Manoel do Rio da Pomba e Peixe dos Índios Croatos e Copós.

A partir das festividades comemorativas dos 250 anos (em 25 de dezembro próximo, isto é, de 2017), entro pelo livro adentro, abrindo gavetas, como bom gaveteiro que sou, pois nascido em Mariana, MG.

Passeio pela Praça Doutor Último de Carvalho e seu coreto, onde tocam as marciais bandas União Pombense e Corporação Musical Santa Cecília – e ainda temos as românticas harmonias das Orquestras Ideal e Copacabana. Entro nas redações dos jornais. N' "O Imparcial" encontro o famoso José de Assis Vieira. Passo pelo campo do Pombense Futebol Clube. Assisto às missas na Matriz de São Manoel. Vou a comícios políticos, com música e foguetório, de Último de Carvalho, Dnar Mendes, Odilon Braga, Luizinho Furtado, Paulo Furtado e outros próceres. (Parece que estou de volta à minha Mariana dos anos 40 e 50 do século passado.)

O encantamento não para. Nem eu quero parar. Ah, o passado tem mesmo muitas gavetas, como diz o autor. Percorro o Clube dos Trinta, o Regina Hotel (do Quirico Marini), o Colégio Regina Coeli, o Ginásio Pombense, o Hospital São Vicente de Paulo, o Clube Recreativo Caiçaras e outros pontos conhecidos.

No decorrer das festas, tomo a bênção a personagens veneráveis: o Padre Manoel, o Padre Gallo, o Arcebispo Dom Oscar de Oliveira (da minha Mariana), o Professor Plínio Alvarenga, o Dr. Nelson Hungria e, em especial, à bem-aventurada Floripes Dornelas de Jesus, a Santa Lola do Sagrado Coração de Jesus.

Por derradeiro, depois da Bênção Final e da Apoteose, as páginas magníficas do autor, grande memorialista, me levam a procurar o popular Zé Budega e com ele apreciar umas "cervejas geladas e picanhas saborosas" no sítio do Luizinho Furtado, comemorando a efeméride…

***

Roberto Nogueira Ferreira,poeta,historiador, memorialista, biógrafo, jornalista, professor, consultor empresarial, homem público, nascido em Juiz de Fora, casado com a pombense Maria Ângela e ele próprio pombense de coração, é autor de vários livros, dentre eles "Cem Anos-Luz! O Imparcial: 1896-1996"; "O Sagrado Coração de Lola: a 'Santa' de Rio Pomba"; "Cidadão Frank – Ópera Luso-Brasileira em 58 Atos". São 12 obras marcantes e importantes.

Como bem destacou Valéria Áureo, no prefácio deste livro, Roberto Nogueira Ferreira, membro da Associação Nacional de Escritores-ANE (sediada em Brasília) e do IHGDF, oferece-nos uma bela viagem no tempo, iluminada pela magia e o encantamento, permeada pela imaginação e muita criatividade – e tudo isso reafirma ser ele "um escritor de excelência".

Fico muito honrado em recomendar ao público de língua portuguesa a leitura deste esplêndido livro, em que se mesclam, com mestria, História e ficção, pesquisa rigorosa e minuciosa, fino humor e sutil graça, amor ilimitado a Rio Pomba e um permanente toque mágico de poesia, que é a quintessência da literatura.

Soneto do Mês

O REBELDE

Lúcio de Mendonça

É um lobo do mar: numa espelunca
Mora, à beira do Oceano, em rocha alpestre.
Ira-se a onda, e, qual tigre silvestre,
De mortos vegetais a praia junca.

E ele, olhando, como um velho mestre,
O revoltoso que não dorme nunca,
Recurva o dedo, como garra adunca,
Sobre o cachimbo, único amor terrestre.

Então, assoma-lhe um sorriso amargo...
É um rebelde também, cérebro largo
Que odeia os reis e os padres excomunga.

Dorme sem rezas a palhoça torta...
Enorme cão fiel, guarda-lhe a porta
O velho mar soturno que resmunga.

(Seleção de Napoleão Valadares)

Associação Nacional de Escritores
www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

28ª DIRETORIA
2017-2019

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1° Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo
2° Vice-Presidente: Edmílson Caminha
Secretário-Geral: Roberto Nogueira Ferreira
1ª Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretário: Joel de Medeiros

1° Tesoureiro: Salomão Sousa
2° Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretora de Biblioteca: Sônia Helena
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretor de Divulgação: Paulo José Cunha
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 83 – Março / 2018

Editor
Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Conselho Editorial
Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, Edmílson Caminha e Fabio de Sousa Coutinho

Revisão
Napoleão Valadares

Programação Visual
Cláudia Gomes

Composição e impressão: *Centro Editorial e Multimídia de Brasília.*
SIG. Qd. 8 – Lote 2356 – CEP: 70610-480 / Brasília – DF – (61) 3344-3738
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

UMA CHAMA AO VENTO

M. Paulo Nunes

Há romances que têm uma história pessoal e uma história literária e artística. Às vezes a primeira é tão importante quanto a segunda. Discutem-se muito mais as peripécias de sua trajetória pública do que seus aspectos estéticos, como o estudo dos personagens, o estilo, em suma, os elementos intrínsecos de sua construção romanesca. A primeira, às vezes, tem tanta força que eclipsa sua estrutura interna.

O Doutor Jivago, do russo Boris Pasternak, é um deles. Quando apareceu, no início da década de 50, em pleno confronto das grandes potências – Estados Unidos e União Soviética – ou no contexto da "guerra fria", a discussão em torno dele foi mais para o plano dos acontecimentos políticos, de que se aproveitou a indústria do anticomunismo, alimentada pelo macarthismo, promovido pela direita americana, como hoje ocorre como combate ao terrorismo, que seu autor, vítima, por outro lado, do irracionalismo soviético, à frente o premiê Nikita Khrushchev, terminou por recusar, sob a ameaça do "apparatinik," o supremo galardão a que todo escritor de renome aspira – o Nobel de Literatura. Foi ele, assim, impedido de recebê-lo, pessoalmente, pois, caso o fizesse, jamais poderia retornar a seu país. Lembro-me, à época, da carta comovente que ele dirigiu a Khrushchev, pedindo-lhe permissão para deixar o país e receber o prêmio, acolhida com um gelado silêncio, enquanto o aparato de segurança da NKVD, secundado pelos áulicos e os cretinos das letras, que os há em toda parte, o acusavam de traidor, tentando, além do mais, destruir-lhe a sua obra-prima. Esta, do lado de cá, chegou a ser elevada ao mesmo nível de *Guerra e Paz*, de Tolstoi, autor que ele diz haver conhecido em menino e por quem nutria a mais viva admiração. Mas deixemos para lá essa página negra da história contemporânea e vamos tentar dar àquele admirável livro, dos melhores que já li, o seu merecido destaque. Levado à tela, resultou num grande filme, em que se destacaram as figuras de Omar Sharif, como Yuri Jivago, Julie Christie, sua amante, como Lara ou Larissa, e Geraldine Chaplin, como a esposa do médico, no papel de Tonia.

Mario Vargas Llosa, que além de grande romancista é também um excelente ensaísta, como o demonstra em seu estudo sobre Flaubert – *A Orgia Perpétua*, um dos melhores já realizados sobre o autor de *Madame Bovary*, dedica-lhe um capítulo especial, em seu novo livro de ensaios, *A Verdade das Mentiras* (Editora Arx, S. Paulo, 2004, tradução de Cordélia Magalhães), em que focaliza as figuras exponenciais do romance, no século passado, como Conrad, Thomas Mann, Joyce, John dos Passos, Virgínia Woolf, Fritzgerald, Hermann Hesse, William Faulkner, Aldous Huxley, André Marlraux, Graham Green, Albert Camus e outros.

O livro pretende ser um painel da revolução bolchevique e das alterações profundas que ela trouxe à sociedade russa.

"Como acontece com o cidadão comum, diz-nos aquele autor, a quem o destino apresenta o duvidoso privilégio de viver uma convulsão histórica, os personagens – e o leitor – do *Doutor Jivago*, ficam com frequência desorientados e cegos sobre o que acontece. Porque somente à distância, e depois de passar por uma peneira do tempo e da razão e da pena dos historiadores, a história mostra uma ordem e um sentido. Quando ela é vivida, acrescenta o autor de *Conversación en la Catedral*, como ocorre com Lara, Tonia, Jivago e, inclusive, com seres mais importantes ou mais beligerantes que eles, como Antipov ou Komarovski, a história é somente 'de som e de fúria', do verso de Shakespeare." (Ob. cit., p. 304)

No entanto, seguindo de perto a interpretação daquele ensaísta, sem essa história confusa que os aturde e os despedaça, não seriam o que são a vida de seus personagens. "Esse é o tema central do romance, acrescenta o autor de *Guerra do Fim do Mundo*, e que reaparece, de vez em quando, como *leitmotiv* e, ao longo de sua tumultuada história: a falta de defesa do indivíduo diante da história, sua fragilidade e impotência, quando se vê no redemoinho dos grandes acontecimentos." (Ob. cit., idem)

Ao contrário de Tolstoi, Vitor Hugo e Malraux, "grandes romancistas do heróico", que atingem sua grandeza superando-se aos acontecimentos e estando quase sempre à altura deles, no mundo de Pasternak ou de Jivago, que não é sequer um herói, na acepção plena do termo, mas talvez mesmo um anti-herói, como os há de sobra na literatura universal, ou mesmo na nossa, como os anti-heróis de Graciliano Ramos, se obtém a grandeza, tentando preservar os valores essenciais contra as novas convenções sociais, decorrentes da tormenta revolucionária, como a busca do amor, da verdade, do espírito de criação, ou lutando por certos códigos de conduta que incluam a espiritualidade e a fé.

Essa a tragédia do *Doutor Jivago*, que num mundo dividido e confrontado pelas ideologias, pouca gente viu. Essa também a tragédia de Boris Pasternak e de seu grande livro.

EVARISTO, PRÍNCIPE DA RENASCENÇA

Edmílson Caminha

Há pessoas cujos nomes significam apenas a palavra que se lê na certidão de nascimento; outras lhes correspondem ao sentido com tanto rigor que nos levam a crer na presciência dos pais, quando assim as batizaram. Como dona Odette e seu Crispim, ao chamar o segundo filho de Evaristo, que em grego quer dizer "bom entre os melhores". Assim foi o vice-presidente executivo dos Diários Associados, Evaristo de Oliveira, de quem tive a fortuna e a honra de uma amizade que me enobreceu.

Conheci-o há 26 anos, apresentado por sua irmã Vera Lúcia, professora e escritora de quem me tornei amigo logo que cheguei a Brasília. A irmandade – Valdir, Evaristo, Emival, Valda, Vera e Abílio – fez do exemplo e da educação que lhe deram os pais o norte que a encorajou à luta para vencer na vida. Deles, cada um a seu modo, sempre recebi a atenção, a delicadeza e o sentimento fraterno de que somente são capazes os espíritos realmente grandes. Os encontros de família, dos quais tenho o privilégio de participar, lembram-me o que escreveu Machado de Assis à sua Carolina, unidos que sempre foram os irmãos por "aquele afeto verdadeiro que, a despeito de toda a humana lida, fez a nossa existência apetecida, e num recanto pôs um mundo inteiro".

Da maior importância, para mim, são os que elejo "amigos-referência", faróis que me iluminam a caminhada e me orientam as atitudes. "Que faria o Evaristo nesta situação, como agiria em meu lugar?", são perguntas que muitas vezes me fiz, para ter como respostas a escolha mais sábia, o gesto mais comedido, a reação mais serena. Dele recebi a prova de que viver é, sobretudo, conviver, aceitar as diferenças, em nome do respeito mútuo obrigatório entre pessoas que se queiram civilizadas, não obstante opiniões distintas e ideias desiguais. Diferentemente de tantos, com quem a conversa acaba em discussão e a discussão em briga, o diálogo era, para ele, a arte de ouvir mais do que falar, pela certeza de que não há ninguém, por mais pobre, de quem não possamos receber uma admirável lição de vida, de grandeza humana, de força espiritual. Daí por que conversar com Evaristo era como degustar os melhores vinhos, prazer que de vez em quando me concedia, ao lembrarmos os velhos tempos da TV Ceará canal 2, da Ceará Rádio Clube, dos jornais *Unitário* e *Correio do Ceará*, que me marcaram a infância e a juventude em Fortaleza. Na pioneira emissora da televisão cearense, recordo-me de uma frase, em letras de bronze, dita por Assis Chateaubriand, quando lá esteve: "Tudo aqui é bem feito, e feito com amor". Não foi outro o lema de Evaristo, nas muitas décadas em que ocupou a vice-presidência executiva dos Diários Associados. Sempre que o assunto era jornalismo, afirmava que, sobre a imprensa brasileira, pesa uma enorme responsabilidade social: concorrer, como difusora do conhecimento, da educação e da cultura, para a construção de um Brasil socialmente mais justo, economicamente mais próspero e politicamente mais ético, em que o povo se reconheça como protagonista da sua história e senhor do seu destino.

Não fossem a modéstia e a discrição que o caracterizavam, Evaristo poderia dar, ele próprio, testemunho da determinação e do esforço com que se superam adversidades e se conquistam vitórias. Da infância singela em Luziânia, viveu e morreu em Brasília para dignificá-la como um príncipe da Renascença, um nobre florentino, que soube, como a personagem de Fernando Sabino, fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro. Dele, ficam-nos um luminoso exemplo e uma notável lição: exemplo de grandeza humana, de doçura espiritual e de conduta reta; lição de inteireza moral, de generosidade fraterna e de amor ao próximo. Ausente, Evaristo de Oliveira permanecerá para sempre na saudade dos amigos e no respeito dos colegas, que o homenageiam, em coro, com os versos da "Litania Breve", de Ivan Junqueira: "Então da vida foste embora? / Não: ela em ti começa agora."

DO PRAZER DE LER BIOGRAFIAS

Rogério Faria Tavares

Adoro ler biografias. Deliciei-me com a de Assis Chateubriand, de Fernando Morais, que recuperou um personagem essencial para o entendimento da história da imprensa no Brasil, no século vinte. Do mineiro de Mariana também é a obra sobre o mago Paulo Coelho, cuja vida parece ficção (não tenho qualquer preconceito em relação ao autor de "O Alquimista". Dono de grande poder de comunicação, vendeu milhões de exemplares em todo o planeta. É um fenômeno que precisa ser respeitado e, sobretudo, compreendido). Ruy Castro seduziu a todos quando publicou "O anjo pornográfico", sobre a trajetória do dramaturgo Nelson Rodrigues. A impressionante narrativa sobre Lima Barreto, de Lilia Moritz Schwarcz, merece igual destaque, tendo ganhado o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte em 2017. É a pesquisa mais completa sobre o autor de "O triste fim de Policarpo Quaresma" desde o trabalho lançado em 1952 por Francisco de Assis Barbosa.

O mercado editorial brasileiro não frustra quem gosta desse gênero literário. Agora, especialmente, quem está de férias pode aproveitar. Nesse janeiro, em todas as vitrines, estão os livros sobre as estrelas do showbiz brasileiro, como Jô Soares (de Matinas Suzuki Jr), Sílvio Santos, que mereceu duas produções (uma de autoria de Fernando Morgado e outra da lavra de Márcia Batista e Anna Medeiros) e Hebe Camargo (de Artur Xexeo). Em breve, ficarão prontas as biografias de Carlos Drummond de Andrade (escrita por Humberto Werneck), e de Tiradentes (escrita por Lucas Figueiredo).

Hoje, no entanto, quero falar de um texto que me tocou profundamente, tanto pela personalidade por ele retratada quanto pelo modo com que foi escrito. Trata-se de "Lucia – uma biografia de Lucia Miguel Pereira", de Fabio de Sousa Coutinho (Brasília, Outubro Edições, 2017, 178 páginas). Lançado em Belo Horizonte durante sessão na Academia Mineira de Letras, no ano passado, o volume presenteia o leitor brasileiro com a história de uma das mais relevantes críticas literárias, ensaístas e escritoras do país. Conhecida sobretudo por ter escrito a biografia de Machado de Assis (em 1936) e a do poeta Gonçalves Dias (em 1943), Lucia assinou estudos fundamentais sobre a literatura brasileira, como o "Prosa de Ficção – de 1870 a 1920", editado pela José Olympio em 1950 e o "Cinquenta anos de literatura", publicado no âmbito da coleção Cadernos de Cultura, do então Ministério da Educação e Saúde, em 1952, além de ter organizado importante obra sobre o português Eça de Queiroz, por ocasião de seu centenário.

Filha do famoso médico Miguel Pereira, morto, precocemente, aos quarenta e sete anos, Lucia foi a segunda esposa de Octavio Tarquínio de Sousa, ministro do Tribunal de Contas da União e importante historiador. O casamento foi interrompido depois de vinte anos, de modo brutal, pelo acidente aéreo que os vitimou, em 1959. Seus corpos foram reconhecidos por familiares entre os escombros. Estavam de mãos dadas. A história emociona ainda mais quando se sabe, pela pena do autor, que sua biografada escapou de outro acidente aéreo, trinta e um anos antes, no dia do retorno de Alberto Santos Dumont ao Rio de Janeiro. Fabio conta tudo isso no seu estilo de sempre: elegante, limpo, claro, direto. Leitura imperdível.

A JANELA MAIOR

Esmerino Magalhães Jr.

Quando o advogado veio vê-lo
com o desvelo de sempre e o tom menos ausente
do que aquele dos mais desesperançados dias,
ele sonhava diante da janela prazeres esquecidos,
restos de alegria, vendo réstias de sol
invadindo as grades da férrea gelosia.

E o homem puxou-o pelo braço,
suave, ao ver-lhe as cãs, as marcas da idade
e da clausura, no que não sentia emoção alguma
desde que lhe roubaram as ruas
e o quase livre caminhar na claridade
e o ter para onde ir por sob as luas.

E o homem puxou-o pelo braço, o abraço forte,
e o homem diz o que mudara em sua sorte:
– Vem comigo, amigo, e deixa essa vista estreita.
Hoje o mundo todo é tua janela,
livre irmão Nelson Mandela.

ADQUIRA NOSSOS LIVROS

A REDESCOBERTA DO BRASIL
O Barco do Rei
Afonso Ligório
1ª edição, 280 páginas

A REVOLUÇÃO DOS PREFEITOS
O Brasil não precisa de estados
Raul Ferraz
176 páginas

O PRADO E O DESCOBRIMENTO DO BRASIL
História, ecologia, turismo e folclore
Raul Ferraz
2ª ed. 144 páginas

ACESSE NOSSO SITE:

WWW.THESAURUS.COM.BR
Frete grátis para todo o Brasil
Ou ligue: (61) 3344-3738

NARRATIVA FICCIONAL EM TRÊS DIMENSÕES

João Carlos Taveira

Após uma rápida leitura, a ideia que se tem do poema *A Engenhosa Tragédia de Dulcineia e Trancoso** talvez não corresponda a uma realidade aparente, nem histórica nem ficcional. Waldemar José Solha desconstrói o corpo estrutural da narrativa poética, às vezes subtraindo-lhe ritmo e sonoridade, como se almejasse torná-la atrativa apenas para si e, mais precisamente, para a percepção de um pequeno grupo de exegetas e iniciados. Mas não é o que ocorre.

A leitura desses versos nos leva à compreensão imediata dos significados do texto, tão logo aceitamos sua condição de bipolaridade extrema, que é a de revolver o passado distante, a partir do *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, e o passado mais próximo de *A Pedra do Reino* de Ariano Suassuna, trilhando naturalmente as considerações contidas no surreal desaparecimento (e esperado retorno) de Dom Sebastião, rei de Portugal. A história aqui não cabe mais em si mesma. E o poeta a reinventa sob a ótica do feminino e das histórias de Trancoso.

W. J. Solha, *expert* observador do mundo e do quintal de sua casa, seja por intermédio das múltiplas atuações artísticas que incorpora, seja por meio das lentes inquisitivas do que advoga, é um homem capaz de ver, sentir e, metonimicamente, revelar, com perfeição de detalhes, os percalços da trajetória humana, sempre com o peito aberto na camisa, ao sabor do vento, na sua exaustiva reinvenção de um tempo que permite mesclar presente e futuro com o passado redivivo e recorrente. Eis o mistério da arte.

Por outro lado, a viagem empreendida aqui pelo autor de *Trigal com Corvos* e *Esse é o Homem* faz seu percurso também no espaço físico da cultura ocidental, com citações claras de trechos dos textos latinos e ibéricos referenciados e reverenciados. Escritor, cordelista, ator e artista plástico de renome, W. J. Solha tem participado ativamente das questões mais caras à civilidade e à cidadania. E não faz concessão à postura arbitrária de políticos, magistrados e outros homens públicos responsáveis pela condução dos destinos do nosso país. É uma voz que não titubeia e se manifesta, quer como poeta, quer como intérprete das artes cênicas e pictóricas, em defesa dos direitos e deveres do homem moderno e contemporâneo.

A Engenhosa Tragédia de Dulcineia e Trancoso é mais que uma metáfora a serviço de temas os mais variados. Trata-se também de um poema de caráter pluridimensional, artisticamente construído sobre os pilares da experiência e da maturidade. E digo mais: este novo livro, certamente, há de se incorporar com natural desenvoltura à vasta bibliografia de W. J. Solha, hoje beirando duas dezenas de títulos, como um manual de genuína inventividade da condição humana. Lavs Deo!

---

* Trata-se de um poema longo, de 82 páginas, criado a partir do libreto que W. J. Solha escreveu em 2009 para a ópera *Dulcineia e Trancoso* – do maestro Eli-Eri Moura. A ópera acabou de ganhar sua segunda montagem pela UNIRIO, em setembro de 2017.

"É DE ARRANCAR A TAMPA DO CORAÇÃO"

Emanuel Medeiros Vieira

O título é o comentário de alguém que escutou o "Réquiem", de Mozart.
É sábado à noite.
Não sei quando eu vou.
Mas indo (é da humana lida), não se esqueçam da minha filha Clarice (Barbosa Vieira)– que é bem melhor do que o seu pai.
E a morte será apenas um "sono sem sonhos", como disse um amigo?

Quem saberá.

Não há resposta lá de cima.

Ninguém voltou e disse: "Por aqui tudo bem. Os maus estão todos no inferno, e eu estou gozando as delícias do céu".

As religiões nasceram pelo medo da morte?

Mas a gente ficará na afeição e no carinho daqueles que nos amaram (isso por uma geração, talvez nem tanto e, depois, seremos todos esquecidos).

O câncer me pegou e o tumor é incurável.

Estou lidando com ele e com a Velha Senhora (a Indesejada das Gentes) há dois anos, quatro meses e vinte e oito dias.

Tudo bem.

Os mortos já não têm problemas.

Os mortos são problemas dos vivos.

Tanta emoção.

Sim, é de arrancar a tampa do coração.

Sentirei saudades do que poderia ter feito, de pessoas, mares e de Santiago de Compostela (e de Paris e de Veneza, antes do enxame de turistas, do terrorismo insano, e da minha cidade natal, a ilha mítica de outrora – hoje: não mais.).

Noutra noite, sonhei que andava por Barcelona e fui assistir a um concerto.

E o que foi tocado (obsessão do inconsciente?): o "Réquiem", do mago e bruxo Mozart.

Em outra noite, sonhei com o dia com 31 de março de 1964, dia do meu aniversário (fazia 19 anos), e do golpe de Estado, que nos "afugentou" por 21 anos.

Que geração essa em que fui "metido!! Sem reclamação, rapaz!

E os anos passam. É uma platitude, eu sei: os anos não voltam, e ficamos velhos, enrugados (se chegarmos lá), mais cansados... e dos ossos nem falo.

Mas também me lembro de Millôr Fernandes: **Só quem faz, sabe a paz do feito**.

Recordo-me (de memória) de Paulo Leminski , em "Polonaises" – de uns versos, sem marcação, não bem citados, sem conferir as linhas, apenas pela memória –com aspas ou não, irmão das almas?

Vai assim, sem o rigorismo que o poeta merecia: "**Me enterrem com os trotskistas na cova comum dos idealistas onde jazem aqueles que o poder não corrompeu**".

A memória pode ter falhado. Meus perdões, Paulo e amigos.

Ou na cova dos velhos cristãos das catacumbas (calma, amigo: elas não existem– não importa).

Enterrem-me na cova dos cristãos das catacumbas. Não é possível, amigo.

Eram antes comidos pelos leões. Não eram enterrados. Alguns não foram?

Alguém, da Academia, reclama: esse moço brinca com as palavras. "Precisa ser mais rigoroso. Não coloca notas de pé de página, como nas teses". Danem-se as teses e as academias!

Cansado de ser moderno, tentarei ser eterno, parodiando Carlos Drummond de Andrade.

Mundo complicado, sectário, intolerante, cheio de matanças.

"**Entre a dor e o nada fico com a dor**" – lembrei-me de William Faulkner, de "Palmeiras Selvagens".

É noite e tudo é noite, como no poema de Mário de Andrade.

"Esse senhor tem a mania de citação. É um obsessivo".

Mais: "Esconde no falso humor, o medo da morte, tem a nostalgia da família primitiva, e é um conservador".

Conservador? O diabinho reconhece: conservador de conservar, de eternizar as coisas boas, como as conservas (de cebola, por exemplo) que sua mãe fazia.

Um socialista atrasado, que não entendeu o seu tempo, e está atrás, e teme a Tecnologia e a Modernidade. Busca fugir delas como o diabo da cruz. E ainda vive de utopias.

SIM: EU SOU UM PISTOLEIRO DO ENTARDECER, em busca de um boteco (sujo, empoeirado, comendo uma linguiça, com muita banha) para tomar um trago, e olhar, com a garrafa na mão, numa mesa externa, as montanhas onde viveu, na qual existiam heróis, honra e duelos ao sol poente. Sim, era de cortar a tampa do coração.

Continuação da página 1

HISTÓRIA DE SECURA E ESPERANÇA TEIMOSA

Vera Lúcia de Oliveira

Desse homem inteligente, advogado, morador de Taguatinga, marcado por lembranças, depois de desatar o nó do casamento, deixa o Distrito Federal e volta para o interior do Nordeste (de onde viera trazido pela ventania da vida) ao encontro do seu destino; vai desatar outros nós que amarram sua vida. E se surpreende. Isso aos setenta anos! Há algo de mítico nesse romance do embaixador e membro da Academia Brasileira de Letras, que deu maioridade a Brasília por ser seu ilustre morador e por ambientar na Capital da Esperança (como a chamou André Malraux) os seus premiados romances, a exemplo de *Cidade Livre,* e agora este recém-nascido *Entre facas, algodão* cujo título é uma metáfora do estilo do livro, pois se num prato da balança há o árido do vocabulário do sertão de homens de estopim curto e faca amolada, há, no outro, e muito, a leveza, a poesia, a beleza e claridade do algodão, identificado nas personagens Clarice e Luzia, claridade e luz. O mundo de *entre facas,* vai da lamparina à internet, das ruas sem saneamento básico ao Facebook; do Brasil das carroças nas ruas ao dos aviões a jato cortando o país de norte a sul; do país que entrou para a modernidade sem vencer o atraso, da modernidade vertical, imposta de cima para baixo, em que o avanço dos meios de comunicação não eliminou o analfabetismo, a miséria espalhada como erva daninha por todas as cidades, grandes e pequenas. Um Brasil desordenado, violento, produto da desigualdade que só faz aumentar. Um desastre, como diz o narrador. Um país mudo, que só fala por mensagens via WhatsApp. É nesse país que vivem os personagens de Almino, é nesse país que vivemos todos nós, os brasileiros.

Nessa crítica à sociedade, essa nova sociedade que desabrocha em meio ao caos, com grandes avanços tecnológicos e retrocessos humanísticos, o engajamento de João Almino é moderno e contemporâneo. Sem a visão sociológica dos romancistas dos anos de 1930, sem a linguagem sensorial de um José Américo de Almeida, sem o idealismo romântico de Jorge Amado, sem militância política, *Entre facas, algodão* deixa de lado as utopias e se nutre apenas de um fio de esperança, aquela verdinha que insiste em não morrer... Uma esperança teimosa.

CASA GRANDE E SENZALA

Valfredo Melo e Souza

Proclamada a República, a disparidade entre a sociedade escravista e os ideais do liberalismo europeu aflora. Em nome das ideias francesas, inglesas e americanas, variadamente liberais, se forja a nossa identidade nacional. Com base nas categorias da população produzidas pelo monopólio da terra, sobressaiam três classes sociais: o latifundiário, o escravo e o "homem livre" (na verdade dependente). A transformação atendia célere à mudança de costumes, que agora incluía o uso de objetos mais refinados, de cristais, louças e porcelanas. Foram introduzidas maneiras formais de se servir à mesa, ficando o constrangimento de trocar o escravo crioulo por um cozinheiro francês e um criado espanhol, perto dos quais não se sentiam à vontade, os escravocratas.

Ascenso Ferreira (1895-1965), pernambucano de Palmares, no livro *Cana Caiana* (1939), na poesia, nos lança um facho de luz sobre essa transição:

HISTÓRIA PÁTRIA

Colhendo café, borracha, cacau,
Comendo pamonha, canjica, mingau,
Rezando de tarde nossa ave-maria,
Negramente... Caboclamente... Portuguesamente...
A gente vivia.
De festas no ano só quatro é que havia:
Entrudo e Natal. Quaresma e Sanjoão!
Mas tudo emendava num só carrilhão!
E a gente vadiava, dançava, comia...
Negramente... Caboclamente... Portuguesamente...
Todo o santo dia!
O Rei, entretanto, não dera terra!
E a gente pra Europa mandou-se estudar...
Gentinha idiota que trouxe a mania
De nos transformar
Da noite pro dia...
A gente que tão
Negramente... Caboclamente... Portuguesamente... Vivia!
(E foi um dia a nossa civilização tão fácil de criar!)
Passou-se a pensar,
Passou-se a cantar,
Passou-se a dançar,
Passou-se a comer,
Passou-se a vestir,
Passou-se a viver,
Passou-se a sentir,
Tal como Paris
Pensava,
Cantava,
Comia,
Sentia...
A gente que tão Negramente... Caboclamente... Portuguesamente...
Vivia!

UM TIO CÂNDIDO

Marcelo Torres

Ver, confesso que não vi, mas sempre ouvi uns tios, irmãos e primos narrarem a história. Contavam sob risos, embora jurassem verdade, do dia em que um nosso tio, um tio-avô, teria chorado e lastimado a morte de um personagem de novela.

O nome dele era outro, um nome comum, um apelido simplório, mas aqui, contudo, o chamarei de Cândido, porque essa palavra, que tanto pode ser adjetivo como substantivo próprio, carrega em si um significado de pureza e inocência.

Esse nome também remete ao famoso livro de Voltaire, no qual o protagonista tem uma trajetória que começa com o otimismo e termina com a desilusão, uma obra que satiriza a sociedade, a religião, o mundo enfim.

Mas voltemos ao Junco, onde o nosso Cândido nasceu e foi criado em fazenda, plantando feijão e mandioca, tangendo bois, tirando leite de vaca. Homem da roça e sem maldade, era alvo de mangação, até mesmo na nossa família.

Na época, não fazia muito tempo, uns oito ou nove anos, a luz elétrica havia chegado ao Junco e o povo não desgrudava da telinha. Na hora da novela Roque Santeiro todos paravam para ver a Viúva Porcina, Sinhozinho Malta, Zé das Medalhas, Toninho Jiló e companhia.

Um dos personagens da telenovela se chamava João Ligeiro, interpretado por Maurício Mattar. Era um vaqueiro jovem, forte, bonito, assediado pelas mulheres, que por sua vez eram evitadas por ele. A emissora recebeu pressão para dar fim no personagem — e deu.

No episódio em que ele sofreu uma emboscada e foi assassinado, esse tio teria caído em prantos: "João era um menino bom, um menino de ouro", teria falado, enxugando o rosto. "Era como um filho", teria lamentado ele, que casou com uma prima e não tiveram filho.

Na época, eu ouvia a história e ria, pois era assim o nosso mundo, um mundo em que os homens tinham vergonha de chorar, e o nosso tio teria derramado uma cachoeira por uma pessoa que não existia de verdade, um personagem de novela, que não era gente de carne e osso.

Hoje, porém, quando lembro da história, me arrependo de ter rido, e acho que ridículo não foi o tio, ridículos éramos nós outros. Hoje lamento, lamento muito não tê-lo conhecido de perto, ouvido sua fala ingênua, beijado a sua mão pedindo-lhe a benção.

Hoje, se vivo ele estivesse, eu lhe confessaria que também choro — e não poucas vezes — por essas pessoinhas de papel. Mas... quem sabe um dia ele, o tio Cândido, não vira um personagem.

Continuação da página 1

DO AMOR E DA ARTE, UMA ODISSEIA

Ronaldo Cagiano

"A cidade de Ulisses" realiza um delicado transporte mítico e sensorial por uma Lisboa antiga tendo como catapulta dois protagonistas que emulam esse trânsito onírico: os pintores Paulo Vaz e Cecília Branco. A partir dessa relação, outras se desenvolvem, para deambular por um grande cenário histórico e humano da capital lusa, num leque crítico e inquiridor que vai da era dos Descobrimentos à atualidade, quando passado e presente se interpenetram em intensa simbiose, promovendo a autora um mergulho numa aguda atmosfera em que os mitos e a realidade se fundem para uma compreensão da própria identidade portuguesa.

A paixão interrompida de Paulo e Cecília são motivadores de uma busca pela própria essência – a interior, dos personagens; a exterior, social, política e histórica – e nesse particular, Teolinda amarra a trama num fluxo narrativo que transita, habilidosamente, por universos distintos. No meio dos contratempos amorosos, subsiste a enviesada convivência entre o pintor e seu pai (um militar autoritário); e entre estes e a esposa e mãe (ausente e sem afeto), quando o fio de uma relação repleta de travas e fragilidades acaba por delimitar os contornos dessas vidas, tensionando ainda suas relações com o mundo.

Como sinaliza a autora na nota de abertura do livro, trata-se de uma obra ficcional inspirada nas artes plásticas, a partir de conversas que manteve com alguns pintores, entre os quais João Vieira e José Barrias, definindo seu diálogo peculiar com a pintura e sua paixão pelas artes em geral. É um livro habitado pela memória, pela investigação social e pela irredutível esperança no amor de duas criaturas em sua procura incessante, a um só tempo, dos prazeres físico e estético, cujos contornos albergam, além de uma extensão dos sentimentos, a necessidade de recuperação da liberdade do ato de amar e de criar, de resgate da identidade, de entender o mundo em todas os seus contextos e dimensões.

"A cidade de Ulisses" abre-se com uma busca, uma tentativa de resgate que é também uma reafirmação do valor do amor (à amada e à arte). Paulo foi apaixonado por Cecília, com quem não pôde casar. Tendo ela engravidado, o que não foi bem recebido por Paulo, que reagiu com violência à notícia, desencadeando uma discussão que a leva a um acidente doméstico e acaba por perder o filho, pondo fim ao namoro e culminando num afastamento melancólico que a leva para outras terras e outro destino afetivo. No desejo de Paulo de realizar uma mostra como homenagem póstuma a Cecília reside a necessidade de recompensa íntima de uma vida interditada pelas contingências e é o combustível com que a narrativa conduz o olhar estético de Teolinda Gersão pelas telas da história pública e privada. Pois aqui, em suas diversas camadas e projeções, a autora, com a habitual elegância de sua prosa poética e inegáveis sutilezas de estilo e olhar, alcança o leitor ao exprimir, num imenso painel conceitual e filosófico, os grandes momentos de Lisboa e de Portugal; e os dilemas vividos por Paulo e Cecília e seu confronto permanente com o pai e a mãe, são entidades que, no fundo, representando seus tormentos e castrações, metaforizam a gênese do País e sua relação com os movimentos históricos que o constituem.

Livro vigoroso e abrangente, de híbrida arquitetura, porque realiza uma sinergética fusão entre romance, história e ensaio, daí sua abrangência temática e seu acento reflexivo, reafirma o lugar de Teolinda Gersão entre os grandes escritores contemporâneos e honra as melhores tradições literárias da Língua Portuguesa.

"VOU-ME EMBORA DO BRASIL"

Luiz Serra

Parafraseando o nosso festejado bardo modernista, até querendo crer que Manuel Bandeira não tivesse a menor inclinação à tese monárquica, quando assentiu que nesse exílio feliz seria o "amigo do rei" e teria as benesses que escolhesse. Afinal Pasárgada era a primeira capital do exuberante império persa. Mas aqui eram tempos sempre futuristas de República, com nítido abandono de projetos essenciais do derradeiro e popular imperador, este tido como atuante na busca por um desenvolvimento cultural e moderno. A recordar que D. Pedro II importou cientistas e artistas da França para os diversos projetos nos institutos que principiaram no Império. Então modernizar era expandir ferrovias, caminho para logística mais eficiente e para produtos competitivos no mercado mundial. Era patente o investimento em ferrovias no "Império do Brazil", em particular a partir da capital, Rio de Janeiro, e na Província de Pernambuco, promissora região produtora de cana-de-açúcar e algodão.

Na arrevesante República, ao que parece o propósito, visto na prática como equivocado, volveu-se para o american way. Avocava-se o pano de fundo democrático americano como um salvo conduto para o alcance do progresso. E num viés temerário tivemos o país imenso cortado por estradas esfumaçados e custosas, logo tornadas rotas rotas-pesadelo. Em cidades do interior, os ferros-velhos passaram a compor cenários de pós-guerra, diversos da realidade europeia, que recuperaram estradas e ferrovias a tempo. Abrir estradas pela selva amazônica serviu para descobrir vidas "incômodas", à medida que surgiam isolados povos indígenas em sua vida natural. E o dilema: o que seria mais importante, prosseguir com a obra mata adentro ou retirar do caminho indígenas, legítimos inquilinos do gigante! Não tardou o sistema que se iniciou na jornada florianista, a partir da queda do Império, quando revelou suas incúrias. Primeiros e perplexos anos de confronto de cunho messiânico contra os sertanejos rebelados pelo fanático Antônio Conselheiro no esconso baiano de Canudos: 20 mil jagunços nordestinos mortos, mas, enfim, a República saiu-se "vencedora"!, mesmo com o imenso sacrifício dos soldados guerreiros, militares, levados para aquela aventura aterradora. Cinco mil militares quedaram no chão ressequido da caatinga do Belo Monte. Euclides denunciou n'Os Sertões a expedição final como um verdadeiro massacre.

Até que adveio a era Vargas, sôfrega e duradoura. Não tardou, Juscelino seguiu ao pé da letra o modelo do Tio Sam. Passou-se a fabricar carros e caminhões para ocupar estradas, realisticamente, o que tínhamos, em lugar de trilhos ágeis e ecológicos. Na análise de poder aflorou complexo resultado na veia política. Longo e enérgico período de base militar que acabou tido como realizador no "milagre brasileiro", aventado ainda como fato histórico de progresso na República, certamente, sem haver consenso no conserto de reativas populares e guerrilhas, advindo de novos modelos irradiando a orientação socialista. Logo a classe política fez anúncio da Constituição "cidadã" como solução esparsamente considerada uma grande panaceia. Aos poucos a consideração da igualdade de pessoas cidadãs passou-se ao sofrimento de imitante guerra civil, que é a violência urbana sem limites que vem assolando cidades pequenas e grandes.

Ano vindouro iremos comemorar os 130 anos da Proclamação "do novo", com a República. Alguns historiadores asseguram que o sistema novo surgiu "sem povo". Seria este o nosso desígnio ilimitado? Há o que comemorar ou será mais uma data a passar em branco, como na esteira da comemoração dos 500 anos da descoberta da Terra de Santa Cruz? Por agora, vê-se, notadamente nas ditas mídias sociais, o estro metafórico de nova busca pela Pasárgada, seja como retiro monárquico seja republicano, ou misto, como no verso do poeta modernista. Passado mais de um centenário de experimentos políticos, e resultados ora confiantes ora incertos, muitos brasileiros ainda querem chegar a uma utópica paragem longínqua! Hoje não faltam ofertas de voos com destino ao devaneio americano ou Europeu. Há dias, curiosamente, passou em noticiário televisivo, a história de um brasileiro, com revelada ocupação de garçom, nas horas vagas, arriscava-se como cantor de melodias brasileiras, que bem longe achou a sua felicidade … na Sibéria!

Como termo, arrisco a rememorar a intrigante obra "Brasilien, Ein Land der Zukunft", traduzida como Brasil, País do Futuro, título de ensaio do autor judeu-austríaco Stefan Zweig, que no final da metade do século XX radicou-se no Brasil, na cidade de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro. Desse modo, naquele fervilhar da era Vargas, o observador romancista considerava, com tintas do porvir societário, o drama existencial brasileiro. Logo ele, Zweig, que chegou a nossa terra da eterna esperança, fugindo do nazismo. Foi um dos escritores mais famosos e vendidos do mundo. Suicidou-se durante seu exílio em nossa terra em 1942.

A FORMA DA ÁGUA

Noélia Ribeiro

O amor abissal,
em sua forma genuína
e sob a vigilância
de cavalos-marinhos,
não está ao nosso alcance.
A nós humanos cabem
as chamas da Quimera e a
falsa profundeza do romance.

O MAIS BELO POEMA DE CHARLIE CHAPLIN

Jolimar Corrêa Pinto

Este é um poema de Charlie Chaplin, escrito em seu 70º aniversário, em 16 de abril de 1959. É um lembrete inspirador que me tocou muito quando eu o li pela primeira vez. Era como se o ícone das grandes telas estivesse se comunicando com o meu espírito, entendendo exatamente sobre o que é a jornada da vida. Eu tinha que compartilhar esse poema com vocês, porque eu sei que ele vai soar verdadeiro para muitas pessoas que, como eu, compreendem a maturidade.

Quando comecei a amar-me,
eu entendi que em qualquer momento da vida,
estou sempre no lugar certo na hora certa.
Compreendi que tudo o que acontece está correto.
Desde então, eu fiquei mais calmo.
Hoje eu sei que isso se chama **CONFIANÇA**.
Quando eu comecei a me amar,
entendi o quanto pode ofender alguém
quando eu tento impôr minha vontade sobre esta pessoa,
mesmo sabendo que não é o momento certo e a pessoa não
está preparada para isso,
e que, muitas vezes, essa pessoa era eu mesmo.
Hoje, sei que isto significa **DESAPEGO**.
Também pode lhe interessar:
Uma Nova Maneira de Ver A Vida Espera Por Você
Estes São Os 10 Maiores Presentes Que Recebi Na Vida!
Com o Passar Dos Anos, Eu Aprendi Estas Valiosas Lições
Quando comecei a amar-me
eu pude compreender que dor emocional e tristeza
são apenas avisos para que eu não viva contra minha própria verdade.
Hoje, sei que a isso se dá o nome de **AUTENTICIDADE**.
Quando comecei a amar-me,
eu parei de ansiar por outra vida
e percebi que tudo ao meu redor é um convite ao crescimento.
Hoje eu sei que isso se chama **MATURIDADE**.
Quando comecei a amar-me,
parei de privar-me do meu tempo livre
e parei de traçar magníficos projetos para o futuro.
Hoje faço apenas o que é diversão e alegria para mim,
o que eu amo e o que deixa meu coração contente,
do meu jeito e no meu tempo.
Hoje eu sei que isso se chama **HONESTIDADE**.
Quando comecei a amar-me,
tratei de fugir de tudo o que não é saudável para mim,
de alimentos, coisas, pessoas, situações
e de tudo que me puxava para baixo e para longe de mim mesmo.
No início, pensava ser "egoísmo saudável",
mas hoje eu sei que trata-se de de **AMOR PRÓPRIO**.
Quando comecei a amar-me
parei de querer ter sempre razão.
Dessa forma, cometi menos enganos.
Hoje, eu reconheço que isso se chama **HUMILDADE**.
Quando comecei a amar-me,
recusei-me a viver no passado
e preocupar-me com meu futuro.
Agora eu vivo somente este momento onde tudo acontece.
Assim que eu vivo todos os dias e isto se chama **CONSCIÊNCIA**.

Quando comecei a amar-me,
reconheci que meus pensamentos
podem me fazer infeliz e doente.
Quando eu precisei da minha força interior,
minha mente encontrou um importante parceiro.
Hoje eu chamo esta conexão de **SABEDORIA DO CORAÇÃO**.
Não preciso mais temer discussões,
conflitos e problemas comigo mesmo e com os outros,
pois até as estrelas às vezes chocam-se umas contra as outras
e criam novos mundos.
Hoje eu sei que isso é a **VIDA**!

O BAGUNCEIRO ARRUMADINHO E O PROFESSOR ALOPRADO
Os Meros Pretextos

Guido Bilharinho

Jerry Lewis, como Chaplin, foi ator e diretor. Como ele, iniciou a carreira cinematográfica sendo dirigido para, depois, auto-dirigir-se.

Em ambos, há que se distinguir um do outro ou um e outro. Como atores cômicos ninguém os superou em suas épocas.

Em Lewis, o contorcionismo corporal, versatilidade e adaptabilidade facial às situações e a flexibilidade comportamental atingem graus e momentos inexcedíveis.

Em dois dos filmes que atuou, *O Bagunceiro Arrumadinho* (The Disordely Ordely, EE.UU., 1965), de Frank Tashlin (1913-1974), e *O Professor Aloprado* (The Nutty Professor, EE.UU., 1963), que dirige, aqui destacados exemplificativamente, essas características são facilmente perceptíveis, tanto quanto em outros filmes, com maior ou menor incidência.

Mesmo descontando-se os efeitos especiais proporcionados pelo cinema, talvez mais do que em qualquer outro de seus filmes (como ator e/ou como ator/diretor), é mais notável em *O Professor Aloprado* sua versatilidade, extremada em tipos totalmente diferentes e antagônicos como do professor e de Buddy Love. Tudo que um não era e não tinha o outro não só apresentava como o fazia em grau acentuado. Presença, voz, aparência, atitudes, comportamento, desenvoltura, visão do mundo ou da vida, mostram-se tão diferenciados e antípodas que dificilmente poder-se-ia imaginar possível na mesma pessoa antes de se assistir a esse filme.

Em *O Bagunceiro Arrumadinho* enfatiza-se sua capacidade de transformar os atos e funções comezinhos e de fácil desincumbência em acontecimentos inusitados quando não inauditos, amalgamando-se nessa atuação atributos interpretativos, conteúdo, forma e consequência de seu desempenho perfazendo interação tão absoluta quanto, em decorrência, perfeita. Como mágico que transforma objetos e corpos, Lewis altera os fatos, infundindo-lhes natureza distinta da que sua congenialidade impõe. Um mundo prático e ordenado transforma-se num caos, porém, como o título original indica, caos ordenado e, de tão ordenado, previsível.

Em *O Professor Aloprado*, da mesma forma, modifica-se a natureza, só que, desta vez, do próprio indivíduo.

Por sinal, tanto faz Lewis ser dirigido como dirigir-se, porque o destacável, antes de tudo, é sua performance.

Porém, cinematograficamente, esses filmes, tanto quanto os demais, carecem de importância. Do mesmo modo que ocorre com Chaplin, apenas constituem espaço e possibilidade de suas exibições como atores cômicos, que, sem o cinema, seriam exercidas nos palcos de circos e teatros, como, aliás, percebeu um crítico paulista, anteriormente citado, Paulo Emílio Sales Gomes, em relação a Chaplin, no artigo "Chaplin é Cinema?".

Os filmes propriamente nada contêm de cinematográfica e artisticamente relevante ou mesmo irrelevante, visto que se situam fora dos parâmetros estéticos, por miméticos, convencionais e lineares, objetivando apenas divertir.

Sua perfeição técnica, competência direcional e a utilização dos recursos da câmera não lhes imprime nenhum dos atributos que caracterizam a obra de arte, não obstante merecerem ser salientadas apenas como tais, sem outras implicações.

Do ponto de vista temático também nada aduzem de importante, conquanto assimilem e deem curso adequado, ainda que superficial, a certas contradições do dualismo da natureza humana (do bem e do mal, do médico e do monstro, perfilhadas em *O Professor Aloprado*) e das descobertas freudianas do recalque de traumas e suas consequências e a possibilidade de sua resolução com a libertação do indivíduo das amarras que o bloqueiam.

Ambos os filmes assentam-se, todavia, em esquema romântico bastante idealizado, no interior do qual essas questões básicas da condição humana diluem-se por sua instrumentalização meramente pretextual.

Continuação da página 1

PEQUENA VISITA

Flávio R. Kothe

O amor é uma aposta, como aparenta ser uma aposta supor que haja vida após a morte. Quem aposta nisso está, de antemão, apostando que há, e se comporta de acordo com isso. Sempre haverá de encontrar muitos que digam o mesmo. Morando no norte da Europa, venho de um meio em que cada vez menos se crê. A religião não determina mais, entre nós, o destino das pessoas. Igrejas são museus de crenças pretéritas, refúgios para a reflexão solitária.

Apesar de muitos ressentimentos, admiro minha mãe: está indo para os cem anos e sempre ainda acha algo bom em toda desgraça que acontece. De um primo disse que morrera bem no infarto fulminante, tomando chimarrão com os familiares; do amigo que perdi há pouco disse que estava tendo muita dor. Talvez esse otimismo tenha feito ela viver tanto. Apostou que haverá vida após a morte e vai à missa cada domingo, às vezes até no sábado. Perguntei se ela tinha certeza de que iria para um lugar depois de morrer. Com um sorriso, ela disse que certeza não tinha, o que nunca a impediu de agir como se certeza tivesse. Eu não iria discutir com ela por isso no pouco tempo que tínhamos. Havia algo mais importante: o amor que nos unia, a gratidão que eu sentia.

Tantas vezes a vi mergulhada na leitura de novelas cor de rosa, em sueco ou alemão, nas quais uma pobre moça, de bom coração, se apaixona por um aristocrata prepotente e consegue fazer com que ele mude e, todo feliz, acabe se casando com ela, como se casamento fosse uma solução universal e não um problema. Perguntei se ela acreditava que a vida era assim: o amor resolvendo conflitos. Ela respondeu que sabia que não era assim, mas que justamente por isso preferia uma ficção em que o maravilhoso acontecia.

Eu não disse mais nada, mas sabia que ela sabia que eu achava absurdo gastar tempo e forças numa aposta sem chance real de dar certo. Eu nunca apostei em nada, nunca comprei um bilhete de loteria, nunca entrei num cassino. Nem vou entrar. Mesmo quando se ganha é para perder mais. Eu preferia gastar comigo o que perderia se apostasse. Se ousasse acreditar numa divina providência, não iria fazê-la cair na tentação de me recompensar por algo que eu nem merecesse.

E agora eu estava diante de Elsa, tomando um café. Ela contou que sofrera uma embolia, mas tinha ido a tempo para o hospital. Quando eu era estudante em Munique, tivera de operar as amígdalas e ficara internado num quarto com um velho soldado bávaro. Ele queria falar, eu não podia falar. Contava que, na guerra, nunca tinha atirado em ninguém, só nas folhas das árvores. Dizia que o único filho havia desaparecido na Segunda Guerra, seu corpo não havia sido encontrado. Pensei que talvez pudesse ter aproveitado a guerra para desaparecer com outra identidade, havia identidades sobrando nos campos de batalha, mas nada disse. Não havia o que dizer. A solidão do velho era tamanha que o único contato real dele ainda era com a enfermeira que o tratava. Ninguém vinha visitá-lo. Eu me perguntara se aí estava o meu futuro, mas descartei a ideia, achando que minhas ideias me bastavam, não precisava de ninguém.

Elsa falava de coisas menores, pretéritas, para não falar do pior, seu futuro: a possibilidade próxima de uma metástase fulminante, que a levasse em poucos dias, como havia ocorrido na véspera com o meu melhor amigo de infância, vizinho de minha mãe. Eu o havia visitado na semana anterior, estava bem, não sentia nada. A foice da morte é silenciosa.

Elsa tinha uma filha, que desde pequena quisera ser bailarina de dança moderna. Após poucos anos de palco, havia sofrido uma lesão tão grave no encaixe do fêmur direito que, mesmo com prótese, não conseguiu mais dançar. Ela se reinventou como professora de dança. Cuidava dos primeiros passos de crianças, uma degradação para quem já quisera ser *prima ballerina assoluta*. Teve de se conformar com a força do destino. Todos temos.

A foice girava em torno de nós, girava em mim. Eu tinha vindo me despedir do país em que crescera, durante anos me perguntara em Estocolmo se não deveria ter pedido Elsa em casamento, levando-a comigo para o Báltico. Eu me sentira, porém, três vezes traído por ela e havia calado. Ela não largaria seu trabalho para viver comigo num país distante e frio.

Não, ela não me traiu com outros homens, foi tudo mais sutil. Na primeira vez, a decisiva, eu havia pedido que ela me acompanhasse a uma endoscopia em que eu seria narcotizado. Ela alegou um compromisso de trabalho, tive de ir sozinho. Fiquei algumas horas na clínica até me sentir, embora meio tonto, em condições de dirigir o carro. Na segunda, ela passou a trabalhar para um grupo étnico e religioso que havia me impedido de obter emprego para eu ficar em São Paulo. Na terceira, deixei de assumir um bom emprego em Floripa, para continuar perto dela, pois percebi que ela não me acompanharia: descasada de um marido que em nada a ajudava a criar a filha de ambos, ela sentia como obrigação primeira – e única – cuidar da filha. Sem contar com ninguém.

Para mim, nos meses seguintes, mostrou-se que não tinha valido a pena eu sacrificar minha vida profissional em função de um relacionamento que se resumia a bons papos e boas piruetas. A relação era boa de cama e ruim de convívio. Passei a sondar empregos na Europa. Como eu era engenheiro de informática e tinha a cidadania sueca dos meus pais, acabei conseguindo um trabalho em Estocolmo e mudei para lá.

Passei quarenta anos num lugar civilizado e agora estava aí de volta, em Sampa, convivendo com a pobreza brasileira, a ganância paulista e os fantasmas que deixara para trás, mas haviam me acompanhado por todos esses anos. Olhando os olhos negros de Elsa, queria supor que ela me amara mais do que havia se permitido dizer para mim. Cheguei a me perguntar se deveríamos cair nos braços um do outro, lamentarmos ter jogado fora nossas vidas e darmos um beijo tendo a Lua como fundo do cenário.

Eu me contive. Não, era tarde demais para nós, não havia mais o que recuperar. O perdido, perdido estava. O que não tinha remédio, sem remédio ficava sem estar remediado.

Não censurei Elsa pelas três traições que lhe atribuí. Não disse nada. Falar seria o começo de uma tentativa que não tinha como acabar bem. Seria bom para as noveletas cor de rosa da minha mãe eu ficar ao lado dela até o fim, casarmos com grinalda e altar três dias antes de um de nós defuntar. O bom senso não me permitia esse tipo de baboseira.

Comecei a perceber que Elsa havia construído uma muralha em torno de si, com um largo fosso ao redor, para repelir quaisquer invasores, para ficar gerenciando a própria vida: ela era mais sueca que eu. Tinha uma filha, e isso lhe bastava. Eu estava fora. Eu poderia, talvez, pedir com insistência que a ponte levadiça fosse baixada e me fosse permitido chegar ao pátio do castelo. Foi ficando claro, porém, que um inimigo já havia ultrapassado o muro e posto fogo no castelo. O tempo havia tornado ruína o que havia sido resplendor, fogosa paixão. Ninguém mais habitava as paredes chamuscadas,

Como o fantasma desse castelo, eu havia aprendido a viver sozinho na península escandinava. Sem lembranças, ficaria ainda mais só. Eu me bastava, gostava de morar sozinho, às vezes eu era até demais para mim. Lá onde eu morava, cada um aprendia a cuidar de si para não incomodar os próximos.

O que havia mudado em mim que me fizera retornar, quarenta anos depois? Durante quase quarenta anos eu havia trabalhado, como engenheiro, numa empresa sueca de telecomunicações. Há alguns meses estava aposentado. Vim ver no Brasil a vida que havia abandonado. Fiquei chocado com o contraste entre ricos e pobres, a sujeira nas ruas, as bocas sem dentes, as notícias de corrupção, a má gestão pública, o ter orgulho de pisar no pescoço da mãe para subir. Havia esquecido disso. Eu não conseguiria corrigir esse mundo, mesmo que quisesse.

Olhei Elsa mais uma vez, disse que meu voo partiria no dia seguinte, mas estava contente por tê-la visto ainda uma vez. Terminamos o nosso jantar, meu táxi deixou-a na entrada do seu prédio e depois segui para o hotel em que estava hospedado. Nunca mais iríamos nos ver. O que poderia ter sido tudo havia se tornado um nada. Dizem que o mundo existe para virar literatura; sei que vivemos para virar sepultura. É engraçado isso.

HERBERTO HELDER E WILMAR SILVA VENCEM A EXAUSTÃO

Salomão Sousa

Se não for feita com empenho a busca de apreendê-la, a poesia não passa de uma atrofia em módulos ultrapassados. Ao elaborá-la, os seus construtores encontram formas diversas de alimentar o ordenamento do arcabouço de cada peça. Se há um obscurantismo, aí também há esforço na operação; se há quase reencontro com a gênese da palavra, aí também há o trabalho de intervenção para remodelá-la. Se não é para criar um centro de desconexão do significado aparente, a poesia deixa de ter a sua necessidade existencial enquanto elemento de ampliação do espaço já assegurado pelo real. O espaço já existe, a poesia só o afirma com outras possibilidades.

Trata-se de poesia obscura o que pratica Herberto Helder, mas só é possível esbarrar em outra espacialidade com outra devassa, outro corte na laranja, com outras flores no ânus. "Todo o discurso é apenas o símbolo de uma inflexão da voz." Dentro dessa proposta, ele sugere imagens de respiração, de digestão, de dilatação, de movimentação. As palavras assumem identidades próprias, criando um espaço pessoal gerado a partir do universo experimental. Julga insuficiente a coordenação e a subordinação das frases. Busca a insubordinação do verso.

É possível assegurar que, em Herberto Helder, a língua deixou de ser a mesma. E, muito pelo contrário, ninguém poderá exigir postura do poeta para que conserve intacta a língua. A respiração no ato da leitura deverá ser reaprendida com a "inflexão da voz" definida pelo poeta. Portanto, não é de se estranhar que a leitura do poema passa a exigir novas modulações, sendo necessário compreender (e reaprender) a inflexão imposta pela criação, com a voz estabelecendo certamente novas inflexões na forma de ab/sorver o pensamento da fragmentação diluída no discurso, com seus ruídos, recortes, ferm'ent'ações. Quem não souber ler o ruído não é mais leitor – ainda não passou por uma mutação de novas inflexões de voz, de raciocínio, de perfumação do espírito. Toda a poesia obscura de Herberto Helder é signo desta convocação para outras possibilidades da imagética gestual das palavras, onde se questiona a identidade da linguagem e da vida, se as duas criam independências muito próprias:

> "*Pode ser o inventário do sono pode no casulo desdobrado quando a seda*."

***

Se ocorreu em 1990 essa gesticulação do verso de Herberto Helder, a postura dos poetas não pode estar defasada. Sinto-me covarde, atualmente, se escrevo apenas meia dúzia de versos. Acho que a poesia anda meio preguiçosa. Pois não está exigindo artesania, sangue dos poetas. Precisamos trabalhar. Mesmo em um poema mais longo pode haver densidade. Se vivemos a época da fragmentação, que essa fragmentação se mostre internamente no poema, internamente no discurso, e, se necessário, na dispersão das palavras. E também não posso ser covarde a ponto de desconhecer a minha realidade, mesmo que a expondo com a fragilidade de meu conhecimento. Se não me manifesto, há uma nulidade de minha existência.

***

Quem não tem fugido a esse compromisso é um poeta mineiro que começou a publicar nos anos 1990, tendo antes passado por outros terrenos de performance para compreender as possibilidades de outras inflexões para inserção da linguagem e do corpo. A obra de Wilmar Silva busca inflexão diversa da proposta por Herberto Helder. Nele, não basta a inflexão de voz, mas, no processo, entra também a inflexão do corpo e do antropológico da palavra. Trata-se de busca vitoriosa, que, recentemente, teve o mérito validado com a inclusão de um poema do livro Çeiva (1997) no vestibular da PUC de Belo Horizonte:

> "prântanau ardmiru d long
> farfalo u cumi dus serrus
> i mi iscondu da cobracoral
> ovi um barulo e vi insetus
> q ciscais i rebentôo cigarras"

A poesia tem de gastar muita sola de sapato até chegar a um livro de poesia de autor contemporâneo que nos leve a acreditar que está ali um universo fechado de perfeição, com a imposição de uma inflexão de voz pessoal. Tenho esse sentimento com o livro *Zut*, de Djami Sezostre. Para mostrar essa inflexão nova, derruída, ruída em ruídos, Wilmar Silva obrigatoriamente teve antes de transitar em di'versos territó'rios e teria de se trans/nominar, já que a nominação das camadas da realidade, inclusive da autoria, deixa de ser a mesma nessa busca das origens da expressão poética, que se concretiza com exímia espontaneidade nessa obra.

Sinto que nesse novo livro, Wilmar Silva, com o pseudônimo de Djami Sezostre, conseguiu escavar o cansaço da língua, vencer a exaustão da insuficiência de expressão de uma época. Se não é mais possível comunicar com os usuais trâmites gramaticais, pois há exaustão de olhar o mesmo formato do verso e da imagética, ele conseguiu abolir as palavras usuais, deixando-as expressas só com o inconsciente. Virou o jogo: o real tem a mesma expressão, só que é necessário escavá-lo sob uma coivara de artifícios. O leitor participa do jogo não só como agente amorfo e decodificador, mas também como artífice do componente da expressão.

A poesia que transita com unidade inequívoca pelas dezenas de poemas, por mais de cem páginas de *Zut*, não é uma simples extensão do Concretismo. O Concretismo insiste no visual. E, em *Zut,* assim como nos livros anteriores - desde Çeiva – que completa 20 anos agora em 2017 - são as camadas de uma Cultura, aí a Língua, as Raças, a ancestralidade, que dão uma viva e vasta experiência de dizer e participar da experiência de ser e de construir. Quando chego a um livro assim, que certamente dará viço à forma de compreensão e à feição da poesia brasileira, sinto-me enriquecido por estar junto e estar vendo e estar sendo afetado e enriquecido com a visão alheia. Diante de obras como a de Herberto Helder e a de Wilmar Silva, sinto que a construção poética sai do medievo e avança para conexões que o futuro, em leituras desinibidas da tradição, acolherá como moldes de expressão.

Zut.

É o ápice de uma carreira brilhante, que deixa em dificuldade o autor, pois ele funciona quase como o esgotamento de pesquisa e execução. Uma evolução ímpar na poesia brasileira, de um autor que soube se desnudar de vez, abolindo todo o superficial, alcançando toda a espontaneidade que precisa encampar. É uma obra precisa que precisa ser conhecida por todos que estão dentro da poesia e que dela exige bons caminhos. *Zut*. Vilmar Silva/ Djami Sezostre aprontou e me encanta ou. *Zut*. Estávamos precisando de uma poesia assim, viva de partição, de interrom'eru'pções, e, que, no fim, se faz compreender. Estávamos precisando de um autor que zombas'se do próprio ato da autoria, já que no antropológico não existe individuação nem individualismo. Um desenraizamento que completas'se sempre, que funcionas'se com o ruído. *Zut* com as raízes e a contemporaneidade de Herberto Helder.

O BRASIL, ESSE "SEM VERGONHA"

Clóvis Rossi

Abro "Brasil, brasileiro. Por que somos assim?", uma coletânea de 16 ensaios editada pela Verbena Editora, por inspiração da Fundação Astrojildo Pereira. Seus autores são acadêmicos do mais alto nível com a vantagem adicional de que não participam da pirotecnia que, em geral, caracteriza o debate público no Brasil.

Já na apresentação, vem o choque: "O Brasil é um país curioso, é um país extremamente sem vergonha".

O choque não é tanto pela frase em si. Também acho que o Brasil é sem vergonha, mas eu não sou ninguém, ao passo que Antonio Callado, que a pronunciou, é um intelectual do maior respeito, um escafandrista da alma brasileira, autor de obras primas como "Pedro Mico" e "Quarup".

Que seja capaz de um julgamento tão severo obriga a pensar, ainda mais que a frase completa é assim: "Quando chega a hora de as coisas mudarem, as coisas não mudam. Não tenho mais esperanças".

O choque é também pela época em que a frase foi pronunciada: em entrevista à **Folha**, no dia 26 de janeiro de 1997, quando fazia 80 anos e dois dias antes de morrer.

Se a constatação fosse feita hoje, seria auto-explicativa: a sem-vergonhice desfila todos os dias pelas páginas dos jornais, no horário nobre dos telejornais (e até nos horários não tão nobres). Mas, em 1997, o Brasil ainda vivia um pouco da ilusão de estabilidade que o Plano Real introduzira, a crise cambial só apareceria no ano seguinte e o "apagão" que destruiu o prestígio de Fernando Henrique Cardoso demoraria mais uns quatro anos.

Agora, constatações tão negativas são, digamos, normais. "Os ensaios, em sua maioria, são pessimistas em relação ao estado atual da sociedade brasileira, e mesmo em relação ao futuro próximo", escrevem os organizadores na apresentação (o senador Cristovam Buarque, Francisco Almeida e Zander Navarro, doutor em Sociologia pela Universidade britânica de Sussex).

A exceção ao pessimismo, curiosamente, vem do único não-brasileiro convidado a escrever: o americano John W. Garrinson 2º, que, no entanto, viveu anos suficientes no país para se considerar «brasileiro por opção e não por nascença».

Nos demais, aparecem sentenças tão duras quanto as de Callado. Escreve, por exemplo, José de Souza Martins, professor emérito da Faculdade de Filosofia da USP: "Não sobrevivemos sem mediadores, condutores, abridores de caminho. Estamos sempre à espera de que um deles apareça para nos dizer o que somos e o que queremos. Neste 2017 estamos perdidos, mais uma vez à espera de que ele chegue para abrir o caminho que nos levará a 2018".

Agora que ninguém está olhando, confesse: você também não está se sentindo perdido, esperando alguém?

Há mais: "O brasileiro perdeu a guerra para si mesmo. [...] Ele foi incapaz de organizar e fazer funcionar bem o seu aparelho de Estado e a sua economia", escreve Flávio Kothe, professor na Universidade de Brasília e presidente da Academia de Letras do Brasil.

Se há 20 anos, Callado enxergava um país sem vergonha, hoje Cristovam Buarque, senador e único político presente no livro, chora "o nosso [do Brasil] desprezo a um rumo para o futuro. [...] Não conseguimos formular metas e estratégias".

Nessa toada, daqui a 20 anos, tais avaliações talvez pareçam otimistas. Ou será que o Brasil tomará vergonha?

ILUMINAÇÕES SOBRE O PRECÁRIO

Jeová Santana

Soa meio óbvio dizer que, diante de um poema, o que salta aos olhos, em primeiro lugar, é sua forma. Ali estão: a quantidade de estrofes e versos; o modo como estes estão distribuídos, compactados ou em diálogo com o branco da página. Num segundo momento, apura-se se tais versos correm soltos ou estão presos a certas medidas rítmicas, a chamada metrificação, assunto que os alunos de Letras veem mais ou menos na graduação, e cujo domínio requer um contato permanente fora dela.

Nosso espanto, diante desse recurso, aumenta quando se verifica que ele está presente tanto no rigor clássico do português Luís Vaz de Camões, quanto nos temas agrestes do cearense Patativa do Assaré, cuja escolaridade limitou-se às primeiras letras. Saber, por exemplo, que as sílabas métricas vão até a última tônica da última palavra já é um ganho. Este, contudo, tende a ficar maior ao descobrirmos que o poeta tem de se apoiar, também, nas sílabas tônicas anteriores. No caso do verso decassílabo, por exemplo, há duas possibilidades: fazê-las coincidir, nas sílabas 6 e 10 (decassílabo heroico), ou nas 4, 8 e 10 (decassílabo sáfico).

Pois bem, matemáticas à parte, diante desta que é considerada a mais radical das linguagens, são muitos os chamados, mas poucos os escolhidos. Nessa perspectiva, nem sempre publicar muito é sinal de garantia para figurar no solar dos eleitos por críticos, leitores e instituições. Antonio Carlos Secchin é um representante dessa predisposição. O que chama atenção em seu percurso bibliográfico é justamente a magrém e a economia. Salvo erro na contagem, são cento e trinta poemas que registram o grosso de sua lavra de 1969 a 2017, enfeixados neste *Desdizer e antes* (Rio de Janeiro: Topbooks, 2017), acrescidos dos que constam em quatro livros anteriores. De quebra, trinta e cinco aforismos, retirados de duas obras críticas, *Poesia e desordem*, (1996) *Escritos sobre poesia & alguma poesia* (2003), além do texto "Um depoimento: escutas e escritas" (2006). Tanto neste quanto naqueles o leitor encontrará as bases que norteiam o pensamento do autor sobre sua escrita e sobre a literatura. É evidente que a leitura do depoimento deve ficar por último para que se percebam os pontos de contato.

Os trinta poemas novos dão continuidade a certas marcas nos anteriores: diálogo com o leitor, metalinguagem, intertextualidade, paródia, releitura, homenagens etc. Em "Na antessala", que abre a fornada, estão presentes alguns desses índices. Em sintonia com a tradição, representada por Pessoa, Drummond e Cecília, o poeta apresenta suas armas dizendo-se abaixo do tom dessas grandes vozes alertando "O desavisado leitor" para que não "espere muito" dele, pois "O máximo, que mal consigo,/ é chegar a Antonio Secchin. "

É claro que estamos apenas diante de um jogo. A pretensa humildade do poeta dissolve-se, por exemplo, diante de sua capacidade em trabalhar sobre os resíduos da memória ("A gaveta") brincar com frágeis expectativas ("Poema para 2003" e "Feliz ano novo") ou dialogar com companheiros de geração em "O espelho de Donizete" (visceral homenagem ao poeta mineiro morto em 2014), "Lendo Luís Antonio Cajazeiras Ramos" ou, ainda em diálogo com a tradição, apresentar novos ângulos sobre a poética sedimentada de Vinicius de Moraes:

1)
Se você quer
ser minha namorada
encontrou
a pessoa errada.

2)
Ê, tem jogada no ar,
ê, já vem vindo o arrastão
ê, todo mundo zarpar,
ê com a faca na mão.

3)
Em Ipanema
a coisa mais linda
que eu já vi passar
foi um poema.

Antes de fechar o percurso, o leitor encontra "Dez sonetos desconcertados". Aqui encontramos um ponto nevrálgico. Dentre os equívocos que permeiam a relação da poesia do passado com a de hoje, um deles é justamente não se entender que o diálogo com o que se convenciona chamar de tradição passa pelo arejamento do que esta dispõe em termos de artefatos estruturais e recursos rítmicos. Trocando em miúdos, ninguém está impedido de fazer um soneto, desde que o ajuste para dialogar com seu tempo. É o caso de Secchin, que atende a tudo que essa forma poética exige em termos de ritmo, contenção e imagem, sustentados, entre versos decassílabos (maioria) e dodecassílabos, e pela "qualidade" das rimas (palavras escolhidas entre classe gramaticais distintas). Estas, no entanto, são dispostas com maleabilidade, sem o engessamento esperado neste tipo de suporte quando preso às amarras da convenção. O que muda é justamente a apreciação do resultado. O tom é de desconcerto na "forma" e no "conteúdo", se me permitem lançar mão destes conceitos, que não devem ser vistos de modo estanque, pois se imbricam, interagem, misturam-se.

Assim, o desconcerto tenta desanuviar ressentimentos entre mãe e filho ("Soneto ao molho inglês"), brinca com a falta e as lacunas da memória ("Soneto desmemoriado"), expõe, via humor corrosivo, as falas/fofocas que atravessam o interior dos edifícios ("Soneto da boa vizinhança" e "Soneto da boa vizinhança II"), mescla o peso da religião ao desafio da escrita ("Soneto Pio"), faz alusão ao escrever poético ("Soneto profundo", "Soneto quase aposentado", "Soneto profético", "Soneto da dissipação" e "Soneto veloz").

Este modelo poético também figura no livro anterior (2002). Nele, a simples oposição preposicional abre novas possibilidades de leitura, visto que são "Sonetos *da* circunstância" (grifo nosso). Ou seja, trata-se da criação que se desdobra para o externo, e não o contrário, quando se espera o bate-pronto dos acontecimentos para transformá-lo em versos (lembrando o alerta de Drummond no antológico "Procura da poesia".)

Ao final, o leitor é novamente convidado para saber se o percurso valeu a pena: "Na antessala' era entrada;/ sirvo agora a sobremesa,/ que você, já enfastiado,/ mal percebe em minha mesa.// Se não gostou, nem reclame,/ foi previamente alertado./ Num poema insinuei: me leia desconfiado.// Sei apenas que escrever/ nunca me apontou saída./ Mas ainda assim é nisso/ que apostei a minha vida."

Só nos resta louvar o resultado dessa aposta. A contribuição de Antonio Carlos Secchin como poeta é rarefeita, mas incisiva. Ele só vem a negócio. Como crítico, são três as referências: é um dos estudiosos mais eficientes sobre a ossatura poética de João Cabral de Melo Neto (aqui lembrado em quatro aforismos e em "A João Cabral"); faz análise crítica mediante um texto apoiado no humor, recurso pouco usual quando se pensa em academia, seja a literária, seja a científica. Por fim, é um descobridor de temas que estavam aí, mas ninguém captou a mensagem. Inesquecível, nesse caso, esta sacada: a ausência do mar na poesia brasileira, incluso o discurso exaltador dos românticos em relação à natureza brasileira.

A prioridade deste breve apanhado priorizou o livro mais recente. Ele é apenas o continuar do criador de uma afinada Ária de est*a*ção (1973), que sabe tratar de instâncias em que se dá o embate com a linguagem diante de *Elementos* (1983) como ar, terra, fogo, água. *Diga-se, de passagem* (1988), também trata com fineza o que cintila entre "dispersos" para enfrentar *Todos os ventos* (2002).

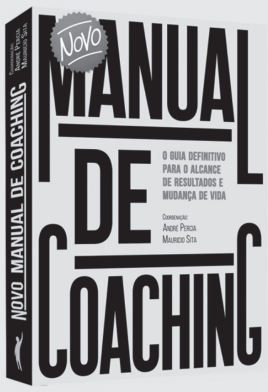
Aqui se fez uma rápida catação do que este "iluminador de sombras", este "operário do precário" produziu até agora. Nesse sentido, é mais que um aforismo ele dizer que "a poesia é diáfana, o poema é carnal." Trata-se de uma iluminação compartilhada por uma vida inteira. O leitor e a literatura agradecem.

LIVROS DE

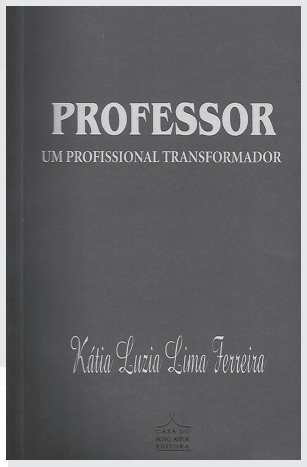
KÁTIA LUZIA LIMA FERREIRA

"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação – reflexão".

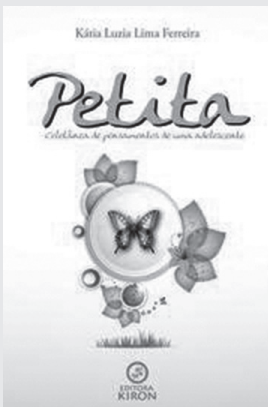
Paulo Freire



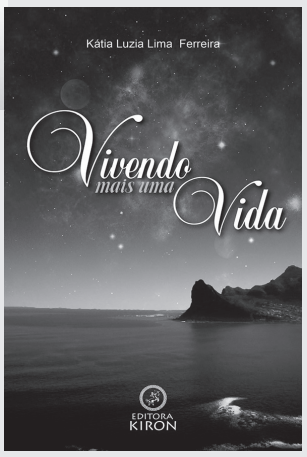
Manual de Coaching



PROFESSOR
Um profissional transformador



Petita



Vivendo mais uma vida

O sangue do dragão

Contatos com a autora:
E-mail: katiallf@hotmail.com
Telefone: 99199-0764

A LITERATURA PERDE O PENSAMENTO PLURAL DE ARICY CURVELLO

Escobar Franelas

A notícia na rede social me surpreendeu no meio de uma tarde fria de verão. Aricy Curvello tinha partido. Dos amigos em comum, quem mais trialogava com a gente era o Hélvio Lima, artista plástico conterrâneo do poeta e que vive até hoje em Uberlândia. O solícito e pesaroso Hélvio não só confirmou a notícia como deu alguns detalhes. Aricy falecera, depois de ficar algum tempo internado, acometido por uma doença fatal.

Poeta sensível e metódico, crítico perspicaz e leitor voraz, publicara poucas obras mas deixou um legado substancial: Os Dias Selvagens Te Ensinam (1979), Vida Fu(n)Dida (1982), Mais Que os Nome do Nada (1986), Uilcon Pereira – No Coração dos Boatos (2000), 50 Poemas Escolhidos Pelo Autor (2008), além de inúmeras coletâneas e antologias, no Brasil e exterior. Também ensaista e tradutor, foi perseguido durante o regime militar, tendo inclusive se exilado do Brasil.

Eu o conheci em 1999. Logo após o lançamento de meu primeiro livro de poesia, "hardrockcorenroll", remeti-o a poetas e jornalistas para (quem sabe?), emitir uma opinião, fazer alguma indicação pra sei-lá-o-quê ou mesmo publicar alguma nota em algum jornal ou revista (há 19 anos, a internet engatinhava e não era mais que uma maneira simples e mais prática de correspondência). As trocas de ideias e publicações mais substanciais eram feitas via correio.

Por razões que não lembro agora, soube da existência de Aricy Curvello (devo ter lido alguma entrevista dele e gostado - era um dos critérios que adotei à época para decidir para quem mandaria um exemplar de meu livro), e remeti-lhe um. Não tardou e a resposta veio, com apontamentos, conselhos e notas críticas com as quais não estava habituado. Ele fizera uma leitura acurada de meu livro e não e furtou a ser objetivo em suas considerações. De certa maneira, eu sabia que meus poemas ainda "não estavam maduros" e qualquer conselho ajudaria de alguma forma. Em Aricy, encontrei um mentor com quem estabeleci diálogos sinceros e pertinentes.

Com o rodar dos anos, fomos gradativamente aumentando nossa correspondência, com uma intensa troca de revistas, livros e jornais. Assumo que esta afirmação é uma meia-verdade: na verdade foi ele quem me abasteceu esses anos todos, com material diverso, cuidando também para que tudo estivesse contextualizado histórica e artisticamente. Suas cartas - envelopes sempre rechonchudos – traziam sempre publicações que ele acreditava que pudesse ser de meu interesse, principalmente trabalhos voltados para a Poesia. Foi ele, por exemplo, que me aconselhou a me filiar à União Brasileira de Escritores. Também foi por uma indicação sua que me tornei verbete da Enciclopédia Brasileira de Literatura (Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, Global Editora, 2ª edição, volume 1, 2001, pg. 732). E foi ele quem me apresentou Hélvio Lima, que também é poeta e editor.

E nossa amizade aumentava. Em certos momentos, o poeta se tornava um crítico duro e incisivo. Em outros, quase didático, "me pegava pela mão" e sugeria, com paciência e sensibilidade, caminhos que poderiam ampliar as possibilidade de um verso ou texto.

Em 2011, logo no primeiro ano de inauguração da Casa Amarela – Espaço Cultural, em São Miguel Paulista, realizei minha primeira intervenção no local, com uma exposição com os postais desenvolvidos por Hélvio. A originalidade da empreitada estava no fato de que o artista fez muitas telas baseadas em versos extraídos dos poemas de Aricy, para depois transformá-las em cartões que percorreram o Brasil e o exterior, levando a poesia inquietante do poeta para diversos lugares. A mostra, intitulada A arte postal de Hélvio Lima a partir dos versos de Aricy Curvello, ocupou o local durante três meses.

Além de poeta robusto, Aricy era ensaísta, tradutor e um ativo interlocutor da produção poética. Fez parte do Projeto Cultural Sur (Cuba), foi correspondente da revista literária Anto (Portugal) no Brasil, integrou o Conselho Editorial da Revista do Escritor Brasileiro (Brasília, DF)

Nascido em Uberlândia, no triângulo mineiro, em 7 de maio de 1945, Aricy residia há quase trinta anos na Praia de Jacaraípe, em Serra, Espírito Santo, quando nos deixou em 10 de janeiro de 2018, depois de um longo período de internação. Pouca gente sabia. Creio que praticamente só os familiares tinham essa notícia. A discrição de Aricy era proporcional à sua generosidade. Há uma grande expectativa de que Menos Que os Nomes de Tudo, uma obra que ele vinha burilando há muitos anos, estava pronta e que seja publicada em breve.

Com a palavra, a família.

x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

A poesia de Aricy Curvello

"Às vezes"
o substantivo carece
de mais substantivos

o verbo de verbos
verbos de advérbios

as palavras fazem crescer o mundo
mas a língua não é a realidade
nem a arte se assemelha à natureza

criam outra
realidade que expande a realidade

(às vezes)
no branco da página
(Mais que os Nomes do Nada, 1996)

"Outra vez"
Sempre estamos a reconstruir.
Estamos sempre recomeçando
num caminho que se destruiu

sempre se destruindo ainda.

As coisas feitas, mais que perfeitas,
duram apenas a construção
no instante: vamos adiante.

(Mais que os Nomes do Nada, 1996)

VAQUEIRO E POETA

Enéas Athanázio

"Crônica Memorista", de autoria de José Peixoto Júnior (Editora Kelps – Goiânia – 2017) é um livro escrito com o coração. Ele contém as remembranças de um homem vivido, calejado e sofrido, mas nem por isso brigado com a vida. Revela-se uma pessoa sensível, observador arguto e dono de admirável memória. Como dizia Gilberto Amado, soube prestar atenção à vida e rechear o minuto, condições indispensáveis a um bom memorialista.

Nascido nos ínvios da Chapada do Araripe, de origem modesta, com esforço e tenacidade foi galgando os degraus do sucesso. Estudou sem cansaço, muito aprendeu, conquistou posições. Perambulou no exercício de suas atividades por diversas cidades, cada uma delas deixando marcas nas recordações e, ao mesmo tempo, nelas deixando um pouco de si mesmo, como acontece com aqueles que a carreira leva por diferentes lugares.

Para mim, porém, o período mais interessante foi aquele em que Peixoto Júnior foi vaqueiro. Vaqueiro encourado, com peitoral, gibão, perneiras e chapéu de couro, varando a caatinga áspera e espinhenta na busca do gado xucro criado à solta. Essa fase é relatada no delicioso capítulo "Vaqueiro do derradeiro gado solto campeado na Serra Araripe." Em linguagem típica, por ele ainda retida na memória de maneira admirável, o autor recorda os tempos aventureiros e brabos num meio rude, em contato com a natureza bruta do sertão nordestino. Apesar de tudo, eleva-se do texto uma aura de nostalgia, tanto pela ação em si como pelo tempo vivido e que já vai longe. Tudo se desenha de forma nítida aos olhos do leitor.

Num desses momentos, noite alta e céu límpido, o vaqueiro jovem observa pela primeira vez um eclipse total da lua, fenômeno jamais esquecido. Espera as reses, campeia-as nos seus pastos, as conduz estrovadas, está presente nos coletivos das apartações dos currais, reúne o gado pasteiro. Participa do esporte da vaquejada urbana, ainda recente naqueles dias, impetuoso pela força da idade, não decepciona seus pares. Enverga com orgulho a vestimenta de couro do vaqueiro, "traje romântico, uma armadura de cavaleiro. Dos pés à cabeça protege quem a veste, desde as chinelas de rosto fechado e as perneiras muito justas ao relevo das pernas e das coxas, o guarda-peito colado ao torso, o gibão amplo que mais acentua a esbelteza do homem e por fim o chapéu que é quase a cópia exata do elmo de Mambrino." E assim entrajado, ele inflete a galope pelo mato a dentro, levando no peito tudo que encontra pela frente, a galharia batendo no peito, nos braços, nas pernas e até no rosto. Defende-se com extrema agilidade e conduz o cavalo com mão firme e segura.

Não raro, os acidentes acontecem.

> "Zé nos encontrou caídos – relata ele -, um morto, um arquejando e este seu criado a gemer. Vinte e nove dias de motoro, perna entre duas telhas de barro, amarradas, e muito sumo de mentruz e caldo de pinto pilado com pena e tudo para o osso soldar."

Os Zés não eram poucos. "Zé-de-Zeca é como me chamam desde eu vaqueiro – explica o memorista. – Somos três primos José e vaqueiros, ao mais velho coube o nome familiar, eu e Zé-de-Luna tomamos o nome paterno para a identificação quando necessário saber quem é quem de nós três."

Essa vivência de memória saudosa revoluteia na cabeça do antigo vaqueiro e começa a retornar em forma de poemas, contos, novelas. As imagens da Chapada do Araripe, da qual manam as incontáveis fontes que fazem do Cariri um oásis em meio ao deserto, se transmudam em versos, as pessoas se transfundem em personagens, os idos e acontecidos são vertidos em contos, crônicas, novelas. O vaqueiro despiu o gibão, empunhou a pena, deixou de lado a luta com as bestas e travou-a com as palavras. Destacou-se na capital federal, sua obra se impôs, acabou presidente da Associação Nacional de Escritores (ANE).

Agora, neste livro saboroso, conta aos amigos e leitores o que viveu, sentiu e aprendeu. Tudo num estilo viril e movimentado como as lidas do competente vaqueiro que foi.